

CHE - CÂMARA DE CIÊNCIAS HUMANAS, SOCIAIS E EDUCAÇÃO (COMUNICAÇÃO COORDENADA)

NOME: JOSÉ OSMAR DE MELO

TÍTULO: IPSEIDADE, ANGÚSTIA E SOLIDÃO EM "A TERCEIRA MARGEM DO RIO", DE JOÃO GUIMARÃES ROSA

AUTORES: JOSÉ OSMAR DE MELO, JOSÉ OSMAR DE MELO

PALAVRA CHAVE: GUIMARÃES ROSA, IPSEIDADE, ANGÚSTIA, SOLIDÃO.

RESUMO

O ensaio sobre o conto "A terceira margem do rio", de Guimarães Rosa, tem como finalidade analisar o conto pelo viés da ambiguidade, da incomunicabilidade e da angústia existencial sob a ótica da filosofia e da teoria literária. O título da narrativa, por exemplo, já provoca no leitor uma sensação de estranheza. Como pode um rio ter a terceira margem? De cara, notamos algo de insólito no frontispício do texto, já que um rio é constituído por duas margens, a do lado de cá e a do lado de lá, que reciprocamente se remetem. Entretanto, entre elas corre o rio, imagem da continuidade. No entanto, no conto de Guimarães Rosa, o rio teria duas margens que são, e uma terceira que não é. Esta última seria o mistério, o desconhecido, o insondável, o indizível. Veja-se que o pai, ao fazer a transição do mundo real, do logos, do pragmatismo para o mundo do mistério, ou seja, do mundo da terra (esta, metáfora do real) para o mundo da água (esta, metáfora do onírico, do irreal), nunca mais fala. Protegido por sua canoa/ermida, sua condição existencial, a partir de então, é assinalada pelo estado de incomunicabilidade e de ilhamento. É importante ressaltar, também, que um rio tem duas margens de igual estatuto, e não uma primeira ou uma segunda margem. A mudança para o ordinal incide ainda numa seriação e numa temporalidade. Se há duas margens, não uma primeira e uma segunda, como pode haver uma terceira? Somente no plano do que é insólito, do que não se pode explicar pela lógica binária. Mas não é só isso. Precisamos considerar outra faceta do rio: a da descontinuidade, metaforizada na fluência das águas em seu transcurso irreversível, que redundava em abandono e esquecimento. Como sabemos, a lógica peculiar da imaginação rosiana não pressupõe a exclusão do termo contrário. No conto, a ambivalência se duplica: onde deveríamos tomar o rio como signo da vida, devido à sua conexão com o relacionamento entre pai e filho, ele se revela como signo de finitude e de morte. O rio isola o pai, e depois o filho, da vida. Por outro lado, onde deveríamos tomá-lo como transcurso inapelável, como na metáfora de Heráclito, transparece a permanência de um sentido único: pai e filho compartilham um mesmo destino. Podemos dizer que "A terceira margem do rio" é uma fábula, a um só tempo, singela e complexíssima. Há um filho, que é o narrador, e há o pai. O filho conta, retrospectivamente, que o pai, "homem cumpridor, ordeiro, positivo", e sobretudo silencioso, certo dia mandou fazer para si uma canoa. A mãe ficou contrariada com a ideia, pensava que o marido tornar-se-ia afeito a caçadas e pescarias, contrariando tudo que fora até então. Mas não foi o que houve: pronta a canoa, o pai despediu-se da família e partiu para o meio do rio que passava próximo à casa, sem ir a lugar algum. Permanecia sempre na pequena embarcação e não falava com ninguém. Alimentava-se com a comida que o filho furtava da despensa e deixava junto à margem. Aos poucos, a família foi-se ajustando à nova situação. O irmão da mãe tomou conta dos negócios da família. A filha se casou, ficou grávida, teve o bebê e foi morar em outro lugar. O outro filho transferiu-se para uma cidade. Até a mãe acabou indo embora, morar com a filha. Só ficou o filho-narrador, que, aos olhos dos outros, cada vez se assemelhava mais, física e psicologicamente, ao pai. Não se casou. Sentia uma culpa inexplicável, que o fazia dedicar-se exclusivamente ao pai. Um dia, percebendo que o pai estava velho, o filho foi até a margem e se dispôs a tomar o seu lugar na canoa. Pela primeira vez, o pai demonstrou escutar o filho. Pareceu ter aceito a proposta. Mas o filho fraquejou ante aquele destino e fugiu. Ao final do relato, pede que, quando morrer, o depositem numa canoa e o lancem ao rio. Esse é o sumário da estória. Não é quase nada. No entanto, o assunto implica questões imensamente complicadas. Em primeiro lugar, é fundamental ressaltar, por exemplo, que o filho constrói a narrativa, e reconstrói a figura do pai, a partir de informações de estranhos e de suas próprias lembranças parciais: Nós o vemos fazer isso sob a égide de sua gigantesca angústia, quando, já na velhice, tenta recuperar a memória de seu trágico passado, este, notadamente, marcado pela solidão e pelo estado de incomunicabilidade e de ilhamento, situações-limite geradoras do sentimento de angústia. Por isso mesmo, a angústia é o elemento-chave desta narrativa, pois, por meio dela, a realidade se esvazia. Assim, o nada bate à nossa porta, e a perdição nos invade inteiramente. O objeto da angústia é o nada. A angústia não deixa ninguém se enganar, porque conserva a memória do perdido, do espantoso nada que somos. Este parece ser o drama do filho-narrador, pois, ao rememorar o passado, ele toma conhecimento de seu estado de abandono e desamparo existencial, estes resultantes de sua postura pendular em relação ao pai. O objetivo da pesquisa, portanto, é explorar, a partir da perspectiva da filosofia e da teoria literária, os intrincados vieses da ambiguidade, da incomunicabilidade e da angústia existencial, presentes no intrincado jogo da narrativa, com vistas a analisar a complexa relação entre pai e filho no admirável, denso e enigmático conto de Guimarães Rosa.